

# A ÉTICA TEOLÓGICA E O TEMPO DE INCERTEZAS

## O dilema entre o tempo de incertezas e a incerteza ética

Luiz Augusto de Mattos\*

\* Professor de Teologia  
Moral no ITESP.

### Resumo:

A sociedade atual em sua complexidade apresenta-se como um desafio à ética e seus estudos. Luiz Mattos, dialogando com alguns autores – Bauman, Valadier, Lipovetsky, Assmann etc. - lida com este assunto tendo como pano de fundo algumas reflexões destes autores tais como a experiência do tempo de incertezas, os efeitos na incerteza ética e os possíveis caminhos de uma ética teológica em tempo de incertezas. Por fim, o autor apresenta algumas dimensões antropológicas de uma ética teológica úteis dentro do momento atual da sociedade humana: centralidade da experiência afetiva (compaixão, empatia etc.), compromisso com o *cuidar*, atitudes de cooperação (solidariedade, cordialidade, confiança etc.), ética da responsabilidade e busca de uma nova utopia.

**Palavras-chave:** Ética; Tempo de Incerteza; Ética: temas atuais

### Abstract:

Today's society in its complexity is a huge challenge to Ethics research. Mattos in dialogue with some scholars like Bauman, Valadier, Lipovetsky, Assmann and others, deals with this subject having as background some of their insights. The main trait of nowadays society would be uncertainty and this influences on Ethics and on Theological Ethics in a meaningfully dramatic way. As summa-

ry Mattos presents some theological ethical anthropological dimensions useful in the modern human society life: centrality of affective experience (compassion, empathy and so on), commitment to *care on a large sense*, cooperation attitudes (solidarity, cordiality, confidence and so no), responsibility ethics and the search of a new utopia.

**Key words:** Ethics; Uncertainty Time; Ethics: contemporary issues.

## Introdução

A ética teológica deve ser orientadora, portadora e fundamentadora de um agir que teria como ideário-meta a defesa, promoção e humanização<sup>1</sup> da vida em qualquer estágio, dimensão e nível. Isso para resistir à crueldade e à barbárie, e para favorecer a realização da vida humana e o cuidado em relação a toda natureza. Sobretudo nesse atual contexto societário em que a insensibilidade, a exclusão, o descuido e a vulnerabilidade permeiam os relacionamentos humanos, bem como, a geopolítica de alguns países, certas políticas sociais, entre outras coisas, em muitas experiências.

Refletir sobre a ética teológica em *tempo de incertezas*, incertezas que eclodem em todos os campos: o decidir e agir, o viver e trabalhar, o sonhar e crer, torna-se uma tarefa difícil e exigente, ousada e comprometedora. Ao mesmo tempo é uma tarefa fundamental quando não se tem mais clareza ou lucidez – por parte de algumas autoridades públicas e instituições - de *como* orientar ou preservar a vida, de *como* se posicionar eticamente frente às grandes conquistas das novas (bio)tecnologias e do mundo científico no tocante à vida, de *como* ser livre diante do mercadocentrismo que mercantiliza tudo, de *como* nortejar ou encontrar critérios de vida dentro de uma sociedade pós-moderna que exalta o privatismo, o subjetismo, o individualismo e a auto-satisfação. Tudo contribuindo para dificultar o espaço para experiência da abnegação, do sacrifício, da gratuidade e da solidariedade; experiência que existe, mas não como grande e importante critério de vida de um amplo setor da população.

A incerteza ética também é fruto do descompasso da ética teológica em responder a novas questões ou experiências que são realidade na sociedade contemporânea. Fato que está exigindo uma reatualização de perspectiva, argumentação,

<sup>1</sup> Tratar da ética teológica de perspectiva cristã implica entender que: 1) a ética deve ser compreendida a partir do *Deus humanizado* e vivida de acordo com esse Deus; 2) antes das *obrigações religiosas* estão as *obrigações éticas* – desde que, por obrigação ética, entendamos a plena realização do humano, o verdadeiramente humano que há em nós. Justamente na realização do humano é que podemos encontrar o Deus que se humanizou no homem Jesus de Nazaré; 3) há de superar a ética do dever e se direcionar indizivelmente para a ética da felicidade para todos e não somente para os privilegiados da sociedade; 4) o critério central do Evangelho está em que a mediação essencial entre o ser humano e Deus é a vida, a humanização da vida – o distintivo mais profundo de Deus não é sua divindade...mas sim sua humanidade. Cf. J. M. CASTILHO, *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

paradigma e método da ética teológica; caso contrário, a ética continuará tendo pouca influência e relevância na vida das pessoas e da sociedade do mundo contemporâneo.

*Por viverem afogados no presente, os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideologizados e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. A desagregação do mundo da tradição não é mais vivida sob o regime da emancipação, mas sob o da crispação. É o medo que prevalece e domina em face de um futuro incerto, de uma lógica da globalização se exercendo independentemente dos indivíduos, de uma competição liberal exacerbada, de um desenvolvimento maluco das tecnologias da informação, de uma precarização do emprego... Narciso está mergulhado na inquietude. O medo se impõe ao gozo. A angústia se impõe à emancipação. A obsessão de si se manifesta menos na febre do gozo do que no medo da doença e da idade, na medicalização da vida: na depressão. Narciso está aterrorizado pela vida cotidiana: tudo o inquieta e o apavora. A originalidade de certos gurus tem sido a de tentarem audaciosas sínteses entre os domínios mais avançados da Ciência moderna e as tradições místicas mais arcaicas. Neste contexto, o grande risco de se conferir um primado às experiências individuais do sagrado não é só o de cairmos na tentação do consumismo frívolo de sensações, mas de aceitarmos uma religiosidade à la carte, o religioso se convertendo num esteticismo gustativo das realidades mistéricas, energéticas, ocultas ou esotéricas, implicando a aceitação de certa idolatria ou de certo panteísmo gnosticista. Num universo em que o consumo se apresenta como uma espécie de sonho acordado, como um mundo totalmente invadido pela sedução e dinamizado pelo sistema da moda... tudo se passa como se o presente devesse ser organizado pela novidade (não pelo novo, que dá medo) e pela tentação compulsiva das compras suscetíveis de fornecer passageiros prazeres, certo bem-estar e algumas sensações de alegria ou euforia, até mesmo de terapia.<sup>2</sup>*

Partindo dessa situação é que emerge a preocupação temática: os impasses ou as dificuldades, no campo da ética teológica, para responder às novas questões ou para contribuir para um diálogo profícuo, ético e responsável com os vários

<sup>2</sup> Cf. H. JAPIASSU, *Ciência e Religião: articulação dos saberes*. In SOTER, *Religião, ciência e tecnologia*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 126-127

<sup>3</sup> A ética teológica deverá ser vigilante não apenas à volta de certezas do passado, em nome das quais se oprimiu, silenciou e matou. Como também de *novas certezas*, por exemplo, *fora do mercado não há salvação, a sociedade é garantia da felicidade humana*.

setores da sociedade, são frutos do *tempo de incertezas* ou da *incerteza ética*? Ou ainda: *não se deveria trabalhar por uma ética para o tempo de incertezas*? – com a preocupação de não cometer o deslize de defender uma volta ao tempo das certezas, preferencialmente às sagradas, absolutas e universais, mas redefinindo a ética diante das grandes questões humanitárias que visam cuidar da vida e salvar a Terra, promover a vida dos pobres e excluídos e contribuir com a utopia de que um *outro mundo é possível e necessário*.<sup>3</sup>

Tendo esse pano de fundo como a chave de preocupação, gostaria de costurar a minha reflexão a partir dos seguintes passos: num primeiro momento procurarei refletir sobre o que caracteriza o *tempo de incertezas* em nossa vida humana e na sociedade, para isso me basearei em Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Paul Valadier, Hugo Assmann e Jung Mo Sung. Depois irei, como segundo momento, trabalhar o que significa a *incerteza ética*, mostrando como ela é realidade em mundo permeado pelo efêmero, provisório, não absolutos, etc. Por fim, tentarei vislumbrar uma ética teológica para esse *tempo de incertezas*, sem muita pretensão em ser resposta única ou definitiva.

## 1. A QUESTÃO DE RAIZ É O TEMPO DE INCERTEZAS OU A INCERTEZA ÉTICA?

<sup>4</sup> Cf. G. LIPOVETSKY, *A sociedade pós-moralista: O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Marole, 2005, p. XXIX. Há pensadores contemporâneos que não concordam com a análise de Lipovetsky, entre estes citamos José Maria Castilho, o qual chega a dizer: *não me entusiasma muito o ensaio de Gilles Lipovetsky sobre O crepúsculo do dever. Embora tenha citado várias vezes este autor... não me agrada essa espécie de nostalgia (mal dissimulada) dos tempos em que o 'dever' era determinante no comportamento humano*. Cf. J. M. CASTILHO, *A ética de Cristo*, op. cit., p. 78.

Acredito que para analisar a razão das dificuldades no que diz respeito à relevância e aos impasses *na* e *da* ética teológica hoje, seja necessário ir à raiz do por quê.

É fato constatável que a civilização mundial está atravessando um *tempo de incertezas*. Isso se pode perceber a partir de várias análises que se faz sobre a realidade antropológico-cultural. A seguir explicitaremos algumas dessas análises.

### 1.1 Tempo de secularização da ética

Uma primeira análise reflete que na atualidade vive-se o *segundo limiar da secularização ética*.<sup>4</sup> Por isso fala-se de uma

*era do pós-dever*; ou seja, pela primeira vez estamos em presença de uma sociedade que, longe de exaltar a observância dos preceitos superiores, faz deles um uso eufêmico e lança-os ao descrédito, deprecia o ideal da abnegação mediante o estímulo sistemático à satisfação das aspirações imediatas, à paixão pelo ego, à felicidade intimista e materialista. Nossas sociedades tornaram inúteis todos os valores inerentes ao sa-

*crifício, sejam eles relacionados à aspiração da vida eterna ou a finalidades profanas. E como a cultura do cotidiano não é mais embebida pelos imperativos hiperbólicos do dever, mas sim pelo bem-estar e pela dinâmica dos direitos subjetivos, deixamos de reconhecer a necessidade de uma dependência de qualquer coisa que seja extrínseca a nós. [...] As democracias abdicaram do contrapeso do dever infinito organizando-se não propriamente à maneira de algo sem fé nem lei, mas segundo uma ética tênue e minimalista, sem obrigações nem sanções. O encadeamento da história moderna levou à eclosão de uma estrutura de gênero inédito: as sociedades pós-moralistas.*<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Ibidem.

Entendendo por sociedade pós-moralista aquela que repudia o *dever rígido, integral e estrito*, e, ao mesmo tempo, que divulga ou consagra os direitos individuais à liberdade, à autonomia, às aspirações de ordem pessoal, à auto-satisfação. Hoje fica complicado falar de dever heróico, vida de gratuidade ou despojamento.

A sociedade tampouco está identificada ou estruturada em cima de um viés único de moral, comportamento e ideal. Ocorre a *progressão paralela de duas maneiras antitéticas de reportar aos valores, dois modos contraditórios de conceber a organização do estado social individualista, conquanto de uma amplitude social muito diversa*.<sup>6</sup> O que leva, por um lado, a se deparar com uma lógica flexível, dialógica, aberta, liberal, e, por outro lado, uma lógica integrista, fundamentalista, rigorista e repressora. Enfim, existe o confronto de duas lógicas antagônicas.

<sup>6</sup> Idem, p. XXXI.

Outro fenômeno que ocorre – segundo Lipovetsky – é o *caos organizador*. Quando desaparece a *religião do dever*, não é o declínio geral de todas as virtudes que se pode presenciar, mas um processo desagregador que se sobrepõe a um processo de reorganização ética.<sup>7</sup> Emerge uma combinação entre a lógica desorganizadora e a *reorganizadora, entrópica e reguladora*.

<sup>7</sup> Idem, p. XXXII.

O que se pode intuir ou compreender é, entre outras coisas, que não adianta apenas uma profissão de fé na ética ou nos ditames da boa vontade e uma mobilização em favor dos direitos humanos ou um ímpeto pelo desprendimento, porque o tempo de incertezas continuará sendo realidade no seio da civilização mundial.

## 1.2 Tempo da Modernidade Líquida

Numa segunda linha de pensamento que dá continuidade à compreensão desse *tempo de incertezas, fala-se também da modernidade líquida*.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Cf. Z. BAUMAN, *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; A. BAUMAN, *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

vale dizer, a *modernidade líquida* assinala um momento em que a socialidade humana experimenta uma transformação concebida na complexidade, de forma que viver se torna uma tarefa difícil de acontecer; nas mudanças rápidas e radicais a ponto de promover a perplexidade; na dificuldade de vislumbrar um futuro; no rompimento com idéias e regras estabelecidas como seguras; na dificuldade de encontrar pontos de referências a garantir coerência e consistência no viver a partir da compreensão do que está acontecendo; na necessidade de decodificar novas forças simbólicas...<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Cf. L. V. ALVES MORENO, Compreendendo o tempo das incertezas para construir uma nova ética: a perspectiva de Zygmunt Bauman. In: PESSINI, L. – L. E. DE SIQUEIRA – W. S. HOSSNE (Eds.), *Bioética em tempo de incertezas*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 198.

Na experiência do líquido o sujeito não tem identidade fixa e estável

ele assume identidades diferentes em diferentes momentos. Vive-se no aqui e agora, velocidade é o que importa; a descartabilidade consolida a idéia de valores voláteis e egoístas; a precariedade e a incerteza se tornam valores, tolerância à fragmentação, valores se viabilizam pelo processo de materialização, tudo na dimensão da mercadoria, da fluidez, da natureza cambiante.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Idem, p. 208.

E ainda: sobre a incerteza afirma-se:

*A incerteza é o hábitat natural da vida humana, ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade genuína, adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente...*<sup>11</sup>

Na trilha de Bauman, pode-se dizer que no atual cenário social se vive e convive com incertezas – com cenários de incertezas advindos de uma sociedade movediça, das mudanças imprevisíveis nos sujeitos, nas famílias e nas instituições (religiosas, políticas, educacionais).

<sup>11</sup> Idem, p. 219.

### 1.3 Tempo de novas heteronomias

Uma terceira análise não concorda com a idéia de que existe vazio ético, e, portanto, o enfraquecimento ou desaparecimento de certos valores ético-morais sem que surjam novos valores. Parte-se da idéia de uma nova ordem moral com um novo aparato coercitivo, a qual se apresenta como

incontestável e inelutável, a ponto de que qualquer crítica ou resistência a seu respeito só pode ser reacionária ou obsoleta.

*Pode-se concluir... que certamente nunca há ‘vazio ético’ em nenhuma sociedade humana. Assim, nossas sociedades, que se pretendem muitas vezes livres de toda moral (coercitiva) ou emancipadas das heteronomias da transcendência, reencontram de fato, e muito bem, sistemas de coerção imperiosa. Certamente esses sistemas não se apóiam mais em uma transcendência explicitamente religiosa, mas apóiam-se em outra forma de transcendência, que é o próprio social impondo ao indivíduo maneiras de pensar e de fazer tidas como incontestáveis, inelutáveis, incontornáveis, se alguém quer ser moderno e adaptado. Essas novas heteronomias são mesmo mais coercitivas que as antigas, na medida em que a transcendência religiosa pelo menos dava nome à origem das normas (e postulava mesmo um Deus pessoal cujos decretos e ordens podiam ser contestados, como em Jó), enquanto a nova heteronomia é anônima, sem rosto, sem origem atribuível. No mais, como todos os ídolos, exige uma submissão incondicional que justifica pelo sentido da história em vias de emancipação (jamaís acabada, decerto, mas sempre em obra e só ela sensata).<sup>12</sup>*

Essa nova moral, progressiva e insensivelmente, vai comandando juízos, ordenando certas condutas, hierarquizando valores e submetendo povos a uma tirania horripilante.

#### 1.4 Tempo de crise do sujeito ético

Uma quarta análise diz respeito ao que se incorreu, por exemplo, no Continente latino-americano de ingenuidade quanto à idealização dos oprimidos como *novo sujeito ético e histórico emergente* – sujeitos que revolucionariam a realidade societária. Conforme afirma Hugo Assmann *já não há condições para alimentar o sonho de que surja, do seio da massa sobranete, um sujeito histórico coletivo capaz de protagonizar, como força principal, um processo de mudanças estruturais*.<sup>13</sup> A insistência em recuperar ou reformular o conceito de *sujeito histórico* ia ao encontro do crer na possibilidade de concretizar na história o horizonte utópico da paraíso. Por isso ocorreu a

*ilusão transcendental – crer que é possível com ações humanas finitas construir um mundo pleno que pressupõe conhecimento, tempo e espaço infinitos. Ilusão esta que*

<sup>12</sup> Cf. P. VALADIER, *Moral em desordem: Um discurso em defesa do ser humano*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 43-44. O autor afirma: *A nova ordem é impiedosa com os fracos, indiferente a sua sorte, multiplicando aqueles e aquelas para quem esse ideal muito burguês da emancipação é impossível e irrealizável. É impiedosa... quando, para tomar um só exemplo, transfigura as novas formas de escravidão, como a prostituição, em uma indústria do sexo e as legítimas. Para isso contribui toda uma literatura exibicionista, elogiada nas colunas literárias pelos jornais bem-pensantes...* pp. 45-46.

<sup>13</sup> Cf. H. ASSMANN, *Crítica à lógica da exclusão: Ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 21. *O conceito de sujeito histórico marcou tão profundamente a TL e as comunidades cristãs comprometidas com a vida dos pobres. Quando este conceito entrou em crise, a partir da queda do bloco socialista, apareceram diversas tentativas de recuperá-lo. Talvez a forma mais recorrente foi o uso da expressão ‘novos sujeitos históricos’ ou ‘novos sujeitos emergentes’.* Muitos apresentaram outros grupos sociais (mulheres, negros, indígenas...) como novos sujeitos. Cf. J. MO SUNG, *Sujeitos e sociedades complexas: Para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 51.

*está no cerne dos projetos de mercado perfeito do neoliberalismo, do planejamento perfeito do socialismo do modelo soviético e até mesmo em muitos projetos de construção do Reino de Deus. O problema dessa ilusão não se reduz ao campo teórico, esta ilusão gera sistemas sacrificiais, sistemas e instituições sociais que exigem sacrifícios de vidas humanas como custo necessário para se atingir o paraíso, a redenção da história e da humanidade.*<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Idem, p. 54.

Uma falha teórica foi partir de um pressuposto antropológico impossível de se encontrar. O ser humano por natureza é ambíguo quanto se trata da solidariedade e da partilha! Em suma, tudo contribuiu, nessa crise do sujeito histórico, para uma incerteza muito grande no como transformar a história da sociedade.

Partindo das análises apresentadas pode-se constatar um mundo atravessado por um *tempo de incertezas*. E é no seio dessa situação que se coloca a preocupação da *incerteza ética*. A ética apresenta dificuldades na sua *razão de ser* quando se defronta com algumas questões advindas da nova realidade – e ainda mais se tratando da ética teológica! Ou em termos de Edgar Morin: *A ética, como tudo que é humano, deve enfrentar incertezas.*

No mais, ele acrescenta:

*O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. Entretanto, é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões; ao contrário, a consciência do caráter incerto do ato cognitivo constitui a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente, o que pede exames, verificações e convergência dos indícios; assim, nas palavras cruzadas, atinge-se a precisão para cada palavra na adequação ao mesmo tempo de sua definição e sua congruência com as outras palavras que contêm letras comuns; em seguida, a concordância geral que se estabelece entre todas as palavras constitui a verificação de conjunto que confirma a legitimidade das diferentes palavras inscritas. Mas a vida, diferentemente das palavras cruzadas, compreende espaços sem definição, espaços com falsas definições e, sobretudo, a ausência de um quadro geral fechado; é somente aí que se pode isolar um quadro e tratar os elementos classificáveis... Uma vez mais repetimos: o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certeza.*<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Cf. E. MORIN, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 86.

E mais, também se tem consciência de que *sobrevive à lucidez somente a moral que contempla o conflito ou a incom-*



patibilidade das suas exigências, ou seja, uma moral inacabada, frágil como o ser humano, problemática, em combate, em movimento como o próprio ser humano. Portanto, em cada uma das nossas intenções, em cada um dos nossos atos, a nossa ética está submetida à incerteza, à opacidade, ao dila-  
ceramento, ao confronto.<sup>16</sup>

Quando se constata na sociedade que nada é absoluto, definitivo, e que o efêmero, o provisório, o não-definitivo, o não-institucional é o normativo; ou que vivemos uma nova moral coercitiva e intransigente - percebe-se a necessidade de assumir de fato a realidade de incerteza ética em nossa vida e na sociedade.

Tratar da ética hoje é se deparar com o mundo da imprevisibilidade, da contradição, da insuficiência e da impotência – por isso, da incerteza. Como afirma Eduardo Giannetti:

*É possível que não tenhamos alcançado ainda a menor compreensão do que nos faz ser quem somos e agir como agimos? É possível que estejamos radicalmente equivocados sobre nós mesmos, perdidos na mais espessa floresta de mitos e enganos, e que nossos descendentes das gerações futuras venham um dia a nos encarar com a mesma mistura de complacência e perplexidade com que encaramos os nossos ancestrais animistas, com seus rituais, sacrifícios e despachos? Sim, é possível. É possível termos acreditado falsamente durante milênios que a vontade consciente rege os nossos músculos quando, na verdade, ela é o subproduto inócuo de uma cadeia de eventos eletroquímicos no cérebro, como a fosforescência no rasto de um fósforo aceso no escuro ou a espuma de uma onda neural? E que, portanto, fazer de um propósito ou de uma intenção consciente a causa de uma ação humana é tão desprovido de fundamento como falar do propósito de um espermatozóide ao fecundar um óvulo ou da cigarra ao entoar sua cantoria ou do Sol ao irradiar calor? Sim, é possível. É possível que toda a reflexão e pregação da ética estejam calcadas no equívoco de que possuímos liberdade de escolha e de que existem coisas em nossas vidas que poderiam ser diferentes do que são; e que, não existindo vício ou virtude, não há nada que mereça ser aplaudido ou condenado em sentido moral?<sup>17</sup>*

Há que se perguntar ou aprofundar sobre as incertezas ou contradições no mundo ético, e, no caso da ética teológica, isso é necessário e fundamental. Vejamos algumas situações: primeiro, os efeitos de uma ação ou decisão nem

<sup>16</sup> Cf. E. MORIN, *O Método*. 6 – ética. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 59.

<sup>17</sup> Cf. E. GIANNETTI, *A ilusão da alma*. Biografia de uma idéia fixa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 235-236.

sempre dependem somente das intenções do sujeito do ato. As condições sócio-históricas, psíquicas, culturais, religiosas condicionam em muito nossas decisões. Nem sempre se alcança, com os meios utilizados, a finalidade almejada; vale dizer, *não é, portanto, absolutamente certo que a pureza dos meios alcance os fins desejados nem que a impureza seja inevitavelmente nefasta. [...] Não podemos imaginar a totalidade das inter-retro-ações que acontecem num meio complexo, em nosso caso, o meio sócio-histórico. Exceto em situações muito simples, extremamente controladas e de curta duração, sempre há um limite para toda previsibilidade no campo da vida social...*<sup>18</sup> Ocorre que em muitas opções e experiências a ação concretizada está distante da vontade do sujeito, pelo fato da intervenção da *inter-retro-ações* das circunstâncias.

<sup>18</sup>E. MORIN, *O Método*, op. cit., p. 42.

*O indivíduo é um todo contraditório. Tensões insolúveis e forças opostas agitam o microcosmo da nossa vida subjetiva, determinam estados de consciência mais ou menos voláteis e acessíveis à superfície da mente e, por fim, traduzem-se ou não em escolhas e ações no mundo. Nossa imparcialidade diante de nós mesmos tem fronteiras lógicas e psicológicas intransponíveis, mas o continente da parcialidade parece não conhecer limites. A capacidade humana de julgar com isenção tende a se enfraquecer exponencialmente à medida que nos aproximamos do centro de tudo aquilo que nos move e comove – precisamente quando seria da maior importância uma apreciação serena e imparcial. Pior: o véu do auto-engano com frequência oculta, da visão que temos de nós mesmo traços e falhas que saltam aos olhos quando o que está em tela é o caráter e a conduta dos que nos cercam. O ponto cego no olhar adentro é o avesso do olho de lince no olhar afora. O equipamento moral do animal humano é o que é. Imaginar que ele possa vir a ser radicalmente aprimorado ou regenerado, seja por meio de homilias, cursos intensivos e exortações inspiradas, seja por meio de engenharia política e novos modos de produção, é abraçar fantasias de precário consolo e nenhuma validade. Se discursos bem-intencionados, saltos milenaristas ou rupturas violentas com o passado pudessem produzir o milagre duvidoso de uma regeneração moral do homem, a promessa do novo homem – seja qual for a nova natureza humana que se tenha pretendido enfiar nele – já haveria se cumprido incontáveis vezes no devir histórico.*<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Cf. E. GIANNETTI, *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 210-211.

Lógico, essa análise do ser humano pode parecer muito radical. Penso que a partir de um trabalho sério, no que diz

metodologia, pedagogia e cientificidade, seja possível favorecer uma *metanóia* da realidade antropológica. Caso contrário, dever-se-ia desistir de muitas atividades educativas, políticas, familiares, psicológicas e religiosas que hoje ocorrem em nome e em prol de uma *nova realidade humana*, ou seja, seres humanos abertos para uma conversão a valores como: solidariedade, justiça social, partilha. Isso não implica falta de lucidez em relação ao egoísmo humano.

*Somos uma espécie animal predisposta para o convívio solidário? Com a erosão de valores tradicionais de coesão social, totalmente insuficientes para o contexto de sociedades amplas e complexas e para os desafios atuais a escala planetária, vivemos numa espécie de vácuo de valores solidários. Em vão olhamos à volta, buscando condensações simples da sabedoria necessária. Essas sínteses provavelmente nunca mais existirão. Entramos definitivamente num mundo de pluralismo teórico acerca de praticamente todas as questões fundamentais para a vida individual e social. Chegou a hora de fazermos as pazes com as limitações dos nossos pendores sociais e imaginar, apesar disso, formas de convivência social cada vez mais favoráveis ao bem-estar e à felicidade de todos os membros da nossa espécie. Só que, para isso, devemos desistir de idealizações, mais ou menos idílicas, acerca de nós mesmos e acerca daquilo que é historicamente realizável em contextos concretos. Para que não haja mal-entendidos imediatos voltamos a frisar nossa concepção acerca da elasticidade do possível. Quando falamos das limitações do historicamente realizável não nos referimos a recortes do horizonte utópico. Mas o tamanho do sonho, que deve sempre tender a ser maior do que o imediatamente factível, ficaria esvaziado de sentido histórico se não conseguisse construir interfaces com projetos estratégicos transformados em programas concretos. Não somos animais naturalmente solidários para além de um circuito bastante limitado de relacionamentos, no qual conseguimos perceber a relevância da sociabilidade para as nossas próprias vidas. Para percebermos a conveniência, até para a nossa própria felicidade, da solidariedade como elemento da sociedade ampla e do planeta Terra, precisamos de um salto ético que não costuma suceder espontaneamente. Ele necessita ser alavancado com argumentos, vivências, testemunhos e até mesmo a sensação de riscos e ameaças, que não formam parte do senso comum do nosso cotidiano. Para tornar-nos solidários num sentido mais abrangente precisamos ascender a um estágio de consciência e opção, que implica numa conversão de valores, que não são óbvios em nossa experiência cotidiana.<sup>20</sup>*

<sup>20</sup> Cf. H. ASSMANN – J. MO SUNG, *Competência e sensibilidade solidária*. Educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 30-31.

Deve-se ter lucidez no fato de a ação humana quase sempre ser *catastroficamente imprevisível*. É normal desencadear processos cujos fins não são controlados, o que indica que a incerteza é uma característica incontornável nas ações humanas. Ou seja: *Mesmo a ação boa pode carregar um futuro funesto: mesmo pacífica ela pode conter um futuro perigoso... Portanto, aos riscos de desastre da boa intenção e da boa ação somam-se a incerteza absoluta do resultado final da ação ética. Nenhuma ação tem a garantia de seguir o rumo da sua intenção.*<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Cf. E. MORIN, *O Método*, op.cit., p. 46. Francisco J. Varela afirma: *Devemos tentar inculcar em nós próprios que uma enorme parte da nossa vida – trabalhar, mover-se, falar, comer – se manifesta como saber-fazer; por outro lado, passamos só uma exígua parte da nossa vida na análise deliberada, explícita, que é peculiar ao saber intencional*. Cf. F. J. VARELA, *Sobre a competência ética*. Lisboa: 70, p. 31.

<sup>22</sup> Idem, p. 44.

Pelo visto, também se pode concluir que é complicada a previsibilidade na ética. Pode-se imaginar ou supor os efeitos em curto prazo de um agir, mas as conseqüências em longo prazo são impossíveis de prever. Como também é difícil conjugar meios e fins – *como os meios e os fins inter-retro-agem uns sobre os outros, a vontade realista de eficácia pode recorrer a meios pouco morais capazes de corromper a finalidade moral. Com muita freqüência, meios ignóbeis a serviço de fins nobres pervertem estes últimos. Acontece de, no circuito meios-fins, os meios se hipertrofiarem e terminarem por asfixiar os fins.*<sup>22</sup>

Enfim, tratar da incerteza ética teológica nos leva a muitos impasses e contradições, dúvidas e questões. Entre esses podemos destacar:

- A dificuldade de harmonizar os interesses pessoais (egocêntrico) e o bem da coletividade (socioôntico);
- O que priorizar diante de uma vida degradada física e mentalmente: a quantidade ou a qualidade de vida?;
- Como conjugar o bem dos nossos próximos com as grandes questões da humanidade?;
- O problema para a ética teológica está nos imperativos ou nas incertezas e contradições encontradas na ação?;
- Como ter autonomia e liberdade éticas para decidir diante do poder científico e tecnológico sobre nossas vidas?;
- Como redefinir conceitos, pressupostos e princípios teológicos que sempre foram referência na e para a ética teológica, e que hoje deverão ser retrabalhados diante das exigências da laicização do Estado, da secularização societária e do processo democrático?;
- Como superar a distância entre o discurso oficial ou a linguagem moral dos documentos e o agir moral do povo?;
- Como enfrentar as novas formas de heteronomias que são coercitivas como as antigas, em nome de sujeitos que vivem a dignidade, a liberdade e a justiça?

A trilha de ligação, correspondência e interação entre um *tempo de incertezas* e a *incerteza ética* é fato constatável. Não se vive mais o mundo da ordem, do absoluto, do definitivo, do intocável e do imutável. O que provoca o mal-estar ou a tentação de retornar ao *antes*, o qual parece dar mais segurança, vale dizer, certeza. Isso não é só inviável, mas também demonstra irresponsabilidade e insensatez.

Ao refletirmos sobre a incerteza na ética teológica somos levados a analisar sobre a defasagem reflexiva e a irresponsabilidade histórica frente às conquistas surpreendentes no mundo científico – por exemplo, no que diz respeito ao corpo, sexo e reprodução humana; à emancipação de minorias discriminadas – por exemplo, os homossexuais; à nova consciência que leva os seres humanos a assumirem a vida com mais autonomia e liberdade éticas, sobretudo diante de algumas opções fundamentais para a própria vida – por exemplo, a experiência da segunda união matrimonial.

A incerteza ou a certeza de que a ética teológica em alguns âmbitos da vida já não ajuda é percebida por muitos. Ou seja, a humanidade caminha encaminhando muitas decisões sérias para a vida presente e futura independente da ética teológica. O discurso ético-teológico ao ser engessado por instituições e Estados autoritários, pré-modernos e absolutistas em nível de hierarquia, poder e oficialidade ideológica, descola da vida do povo e da história societária.

*Os que olham para as estrelas dizem possuir a verdade. Mas os que olham para os jardins sabem que tudo que sabem é provisório. Os olhos... (pelo menos da maioria das Igrejas cristãs) não veem jardins, só vêem estrelas. E é do seu olhar para as estrelas imóveis que ela deseja governar a Terra. Já os jardineiros sabem que há muitos jardins diferentes – nenhum deles é verdadeiro, mas todos são belos... Todos os que pretendem possuir a verdade estão condenados a ser inquisidores. Para explicar esse ponto, vou transcrever um pequeno trecho do filósofo polonês Leszek Kolakowski que tem o título Em louvor à inconsistência: Falo de consistência em apenas um sentido, limitado à correspondência entre o comportamento e o pensamento. Assim, considero consistente um homem que, possuindo um certo número de conceitos gerais e absolutos, se esforça honestamente em tudo o que faz, em todas as suas opiniões sobre o que deve ser feito, para manter-se na maior concordância possível com aqueles conceitos. Por que deveria qualquer pessoa, inflexivelmente convencida da verdade*

*exclusiva dos seus conceitos relativos a qualquer e a todas as questões, estar pronta a tolerar idéias opostas? Que bem pode ela esperar de uma situação em que cada um é livre para expressar opiniões que, segundo seu julgamento, são patentemente falsas e portanto prejudiciais à sociedade? Por que direito deveria ela abster-se de usar quaisquer meios para atingir o alvo que julga correto? Em outras palavras: consistência total equivale, na prática, ao fanatismo, enquanto a inconsistência é a fonte da tolerância.... (Enfim) há um olhar que contempla as estrelas e descansa na sua eternidade, perfeição e imutabilidade. Moram nas estrelas os valores éticos que foram criados antes mesmo delas e gozam de sua imutabilidade. Como se fossem móveis e obras de arte da mansão divina. Quando surge um problema na terra, os olhos procuram a resposta nos céus, morada da verdade eterna de Deus. Há entretanto, um outro olhar, que não olha para as estrelas por preferir os jardins. Deus começou a sua obra criando as estrelas, mas terminou-a plantando um jardim... A se acreditar nos poemas sagrados, Deus ama acima de tudo, mais que as estrelas, o jardim. Está escrito: [...] e Deus passeava pelo jardim ao vento fresco da tarde [...]. Deus ama mais os jardins, porque ama mais a vida que as pedras.<sup>25</sup>*

<sup>25</sup> Cf. R. ALVES, *O Deus que conheço*. Campinas: Verus, 2010, p. 53-54; 56-57

Prefere-se mais o encastelamento, a resistência, o continuísmo e a defesa de um tradicionalismo e fundamentalismo irresponsáveis, dificultando dessa maneira à abertura ao novo, a tolerância às diferenças e o respeito à pluralidade.

*Na convivência cristã e humana, manifesta-se a distância entre a linguagem moral dos documentos e manuais e o agir moral concreto das pessoas e grupos sociais. A teoria usa palavras grandes e uniformes de pessoa humana, lei, virtude, consciência moral e assim mais, como se os ouvintes e leitores fossem todos iguais, sem nome individual, sem gênero, sem cor, sem idade, sem história particular. Na realidade, porém, cada um escuta pelos seus ouvidos e lê pelos seus olhos e entende de sua maneira e age conforme as medidas de seus conhecimentos, sua liberdade e capacidade de decidir e executar, limitadas e situadas no tempo e no espaço sociocultural. A doutrina pode ser uniforme, mas a práxis é diversificada conforme as pessoas e suas condições. A cúpula do firmamento encobre, tranquilamente, a incrível complexidade dinâmica da sociedade das pessoas humanas. A cúpula parece perene e estática;*

*a realidade dos agentes morais é altamente móvel, provisória e transitória.*<sup>24</sup>

Realidade que dificulta uma ética teológica que fomenta a misericórdia, a confiança, o diálogo e a solidariedade, sobretudo em relação aos indefesos, vulneráveis e excluídos.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Cf. B. LEERS, *Rigorismo moral e humor popular*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 17-18.

<sup>25</sup> Cf. A. CORTINA, *Ética civil e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 106-107.

## 2. POR UMA ÉTICA TEOLÓGICA EM *TEMPO DE INCERTEZAS*

Tendo presente a seguinte reflexão:

*A incerteza e a imprevisibilidade passam a marcar a existência das individualidades, já que não existem mais para estas suportes absolutos onde se apoiar, para preverem as suas vidas no futuro. [...] Esta (corrosão do caráter)... não pode mais construir para si programas e estratégias de longo prazo para a sua existência, fundados numa ética consistente. Isso porque a individualidade contemporânea, marcada pela incerteza e pela imprevisibilidade, deve sempre improvisar e adaptar-se às rápidas transformações das regras do jogo para sobreviver, sem contar com garantias jurídicas e institucionais sólidas.*<sup>26</sup>

Parece que uma das grandes questões que a ética teológica deverá enfrentar é o do *sentido da existência humana*. A crise existencial, em muitas experiências pessoais, interpessoais e sociais, se configura em razão de alguns fatores.

<sup>26</sup> Cf. BIRMAN, *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 249.

### 2.1 Crise dos referenciais e dos valores

Por um lado, ocorre a perda dos referenciais, a crise de alguns valores, o silêncio dos antigos absolutos e universais, o relativismo em relação a uma experiência do sagrado e da transcendência, leva a concepção de que nada vale mais nada. Emerge a revivescência da interrogação moral ligada ao recuo dos grandes sistemas de sentido. Tudo contribui para uma experiência do vazio, do caos e da falta de razões mais profundas para se viver. Tudo indica que a questão – quando se trata da ética teológica – não é a ética no sentido normativo, mas sim no sentido antropológico. Ou seja: como trabalhar um compromisso ético-teológico com o ser humano na atual realidade societária onde se busca

um *corpus infinitamente ramificado de convicções comuns, princípios partilhados, certezas admitidas, projetos definidos e fidelidades herdadas capazes de dar-lhe a sua coesão ou até mesmo sua razão de ser, permitindo-lhe, ao mesmo tempo, inserir cada um de seus membros em uma genealogia humanizadora? Sobre que fundações construiremos finalmente o edifício de nossos códigos, de nossas regras, de nossas leis e de nossas disciplinas, o edifício que vem sendo incessantemente minado por uma irremediável incompletude, por este vazio moral e espiritual...*<sup>27</sup> E ainda: com o aumento do poder técnico-científico, com o Mercado totalitário, com a revolução sociocultural, o domínio ético vê-se revestido de nova e grande importância, redignificado e reativado – sobretudo quando se trata de questões ligadas às biotecnologias, ao aborto provocado, à eutanásia, ao casamento dos homossexuais, à pedofilia, à destruição da natureza, à distância entre o Norte e o Sul e assim por diante. Enfim, depara-se com o desenvolvimento de morais em conflito, a multiplicação dos sistemas de valor, a diversidade das concepções do bem, a dinâmica de uma sociedade liberal pluralista e complexa. Ao mesmo tempo, pode-se visualizar a reinvenção na liberdade do indivíduo em encontrar as regras da própria conduta, o consenso em torno dos valores humanistas democráticos.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Cf. J.-C. GUILLEBAUD, *A reinvenção do mundo. Um adeus ao século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 16.

<sup>28</sup> Cf. C. BUARQUE, *A cortina de ouro. Os sustos do final do século e um sonho para o próximo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 95-96.

<sup>29</sup> Cf. P. VALADIER, *A Moral em desordem*, op. cit., p. 35,

## 2.2 Heteronomias tirânicas e coercitivas

Por outro lado, a sociedade é dinamizada por heteronomias tirânicas e coercitivas – *sob a veste de uma fidelidade forçosamente progressista e adaptada às evoluções, esconde-se uma nova ordem moral que tende a impor sua lei, e que o faz, como toda ordem moral, estabelecendo uma nova tirania e/ou amordaçando a palavra contestadora, então desvalorizada, depreciada e portanto desqualificada para participar do debate social, político e ético.*<sup>29</sup>

Realmente se compreende, à luz das análises apresentadas, que não dá mais para tratar de uma ética teológica somente a partir de um modelo deontológico, como também – dependendo do caso – nem do modelo ético-teleológico.

Apesar de que toda incerteza paralisa, amedronta, ela também estimula pelo fato de cobrar a busca de alternativa, estratégia – sobretudo diante do novo, do diferente, da vulnerabilidade, da contradição e da imprevisibilidade. Favorece, assim, uma regeneração da própria ética – a fim de fugir da esclerose, da degradação e da petrificação moral. Ou nas palavras de Morin: *Tudo o que não se regenera, degenera. A ética também deve regenerar-se permanentemente.*



Pensar numa ética teológica em *Tempo de Incertezas* implica também tratar de uma ética que resiste à crueldade em relação à vida e ao mundo; uma ética que remete para a tolerância, a compaixão, a cordialidade e a misericórdia. É uma ética que regenera o humanismo ético – *o humanismo ético do respeito mútuo universal, reconhecendo em todo o ser humano um semelhante e reconhecendo para todos os seres humanos os mesmos direitos*, como também leva a *uma responsabilidade pela vida na Terra e pela vida da Terra*.<sup>30</sup> Como também uma ética desarmada e dialógica diante do mundo técnico-científico, da política, dos movimentos de emancipação – há de se estar atento à luta contra a busca de certezas, simplificações, imposições, neoconservadorismos, fundamentalismos.

Uma ética teológica que também não acredita em paraíso,<sup>31</sup> perfeição, transparência total, vitória do bem sobre o mal, sonho de harmonia... mas que tem consciência da necessidade de tentar impedir o triunfo do mal. Por isso, quando

*analisamos a ferocidade do mundo, não podemos encontrar ou isolar um princípio do mal, uma entidade satânica. No entanto, vemos que muitos males nos atingem e que produzimos as separações, as degradações, as desintegrações, as violências, as explosões de fúria, as destruições de civilizações, os genocídios, são como que continuadores ou herdeiros das violências e fúrias cósmicas. Os conflitos e os antagonismos entre indivíduos ou grupos são continuadores e herdeiros dos conflitos e dos antagonismos do mundo da vida. [...] Há no ser humano uma formidável proliferação de maldade, de vontade de fazer mal, prazer em fazer mal. Esse mal do ser humano sobre o humano vem do ódio, da incompreensão, da mentira e é alimentado pela barbárie do espírito; não sai da crueldade objetiva da natureza, mas da crueldade subjetiva do ser humano, a qual se origina, embora não se reduza a isso, do fechamento egocêntrico. O ser humano carrega um fervilhar de monstros que se libertam em todas as ocasiões favoráveis. O ódio espalha-se por um nada, um esquecimento, um raspão de carros no trânsito, uma distração de alguém... O egoísmo, o desprezo e a indiferença agravam, por toda parte e incessantemente, a ferocidade do mundo humano; o excesso de crueldade nutre por saturação a indiferença e a desatenção.*<sup>32</sup>

O risco é o ser humano tornar-se fútil, supérfluo, inconsistente, imprevisível e alheio a tudo e a todos.

<sup>30</sup> Cf. E. MORIN, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, op. cit., p. 197-198.

<sup>31</sup> A ética teológica não poderá cair na armadilha da *ilusão transcendental* – *crer que é possível com ações humanas finitas construir um mundo pleno que pressupõe conhecimento, tempo e espaços infinitos. O problema dessa ilusão não se reduz ao campo teórico, esta ilusão gera sistemas sacrificiais, sistemas e instituições sociais que exigem sacrifícios de vidas humanas como 'custo necessário' para se atingir o 'paraíso', a 'redenção' da história e da humanidade. Cf. J. MO SUNG, *Sujeito e sociedades complexas*, op. cit., p. 54.*

<sup>32</sup> Idem, p. 188-189.

Também é preciso lembrar que princípios éticos abstratos, como por exemplo, defender a vida dos excluídos precisam ser viabilizados e concretizados por meio de valores sociais e mecanismos institucionais, políticos e econômicos. Nesse processo de concretização *precisamos sempre recordar que a emergência de novos sistemas sociais não obedece e nem é controlada pelos nossos planos ou boa vontade. Por mais éticas que estas sejam. Em outras palavras, eu penso que a reflexão ética, desde o nível da fundação e dos princípios últimos até o nível mais operacional-institucional, deve manter uma tensão dialética com a racionalidade econômica. Não creio que a ética possa controlar a economia ou que seja possível uma economia controlada pelos valores éticos. Isto seria voltar a um tipo de idealismo... A sociedade humana é complexa demais para ser controlada por uma única racionalidade ou por um único tipo de valor e de lógica.*<sup>33</sup>

Tudo indica que o marco de uma ética teológica tem de apontar para os seguintes *elementos de moralidade*:<sup>34</sup>

- preocupação em resgatar e conferir centralidade à experiência da afetividade, da compaixão, da empatia e da piedade, numa palavra, a dimensão do *pathos*;<sup>35</sup>
- compromisso em cuidar da vida na Terra e da vida da Terra – isso implica cuidar dos seres humanos a partir dos que mais são oprimidos e excluídos, cuidar do ecossistema, se queremos que a vida sobreviva na realidade planetária;
- atitudes e ações de solidariedade e de cooperação, de cordialidade<sup>36</sup> e confiabilidade, superando um testemunho de alheamento, apatia, cinismo, desrespeito, autoritarismo e expropriação dos seres que povoam a Terra;
- vivenciar uma *ética da responsabilidade* e da libertação, frente às grandes questões que apontam para a promoção e humanização da vida;
- uma experiência ética à luz da fé e da mística cristãs que ilumina e revigora os compromissos;<sup>37</sup>
- um cultivo honesto, profundo e esperançoso da utopia de que uma *outra civilização é possível e fundamental*.

Concluindo, a ética teológica nesse *tempo de incertezas*, quando a imprevisibilidade, a realidade incontestável do mal na vida, o vazio,<sup>38</sup> as contradições e paradoxos, as novas heteronomias transcendentais coercitivas, as estruturas auto-organizadoras e complexas, faz parte da dinâmica humana e societária, deverá seguir, desde a perspectiva de realismo

<sup>33</sup> Idem, p. 154.

<sup>34</sup> Cf. L. BOFF, *A opção terra*. A solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro: Record, 2009, pp. 169-176.

<sup>35</sup> Idem, pp. 169-170.

<sup>36</sup> Cf. L. BOFF, *Saber cuidar*. Ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 122.

<sup>37</sup> Cf. C. JOSAPHAT, *Ética mundial*. Esperança da humanidade globalizada. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 176.

Cf. L. BOFF, *Ethos mundial*. São Paulo: Letraviva, 2000, pp. 130-131.

<sup>38</sup> Hoje se afirma: *vivemos uma época prodigiosamente vazia, na qual concepções políticas, crenças, idéias, sensibilidades, enfim, formas de existência e visões de mundo que antes pareciam dar sentido às coisas perdem valor. Ou melhor, vemos não propriamente o desaparecimento dos valores humanos, mas de certos meios de expressões desses valores*. Cf. A. NOVAES, *Herança sem testamento?* In: NÓVAES, A. (Ed.), *Mutações*. Ensaio sobre as novas configurações do mundo. São Paulo: SESCSP, 2008, p. 15.

e humanismo, resistindo contra o risco do triunfo da maldade pela crueldade e barbárie em relação à vida, sobretudo das vidas vulneráveis e excluídas, e trabalhando a partir da tensão entre os valores éticos e as estruturas da realidade societal. Também é importante *pensar as conseqüências da intervenção das ciências na ecoesfera e na bioesfera, bem como nos mercados globais, no nível de uma civilização planetária. Essa situação mesma põe a humanidade ante o problema da corresponsabilidade planetária, uma responsabilidade ética global, o que exige uma macroética da solidariedade histórica em nível mundial que seja capaz de fomentar uma consciência cosmopolita da solidariedade e recupere a primazia do político no contexto de um mundo globalizado e ameaçado por um colapso ecológico e social.*<sup>39</sup>

Hoje, nesse tempo de incertezas, fica pendente a seguinte questão: a ética teológica deve ser capaz de legitimar os fundamentos normativos básicos das estruturas necessárias para uma civilização global,<sup>40</sup> ou ela deverá ajudar a cultivar subjetividades democráticas num processo societário de democratização que aponta para uma globalização alternativa a caminho de uma civilização mais inclusiva, justa e feliz? Tudo indica que a ética teológica deveria atuar nesses dois campos para ser determinante e forte na atual civilização.

Além disso, parece que é fundamental e imprescindível trabalhar por uma ética teológica<sup>41</sup> autopoietica, inculturada, solidária e libertadora que desperte e fomente na atual civilização mundial o sonho e a esperança de que a maldade e a destruição não terão a última palavra.

<sup>39</sup> Cf. M. A. de OLIVEIRA, *Ética, direito e democracia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 20.

<sup>40</sup> Ibidem. Como afirma Varela: *A ética está mais próxima da sabedoria do que da razão, mais próxima da compreensão de que coisa deve ser o bem do que da formulação de princípios concretos*. Cf. F. J. VARELA, *Sobre a competência ética*, op. cit., p. 13.

<sup>41</sup> *Que a confiança, o compartilhamento, a reciprocidade, a solidariedade, a participação dominem sobre o risco e a maldade deve ser um sinal de que a ética situada, autopoietica, emergente e adaptativa funciona. Além de funcionar, expressa sua qualidade distintiva que é a de ficar cada vez mais inteligente*. Cf. L. SANTAELLA, *A ecologia pluralista da comunicação*. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010, p. 322.